PROJETO CÉLULA: GRAVURA NA ESCOLA

The Project Cell: Workshop of Engraving

Iriana Vezzani*

RESUMO

Este artigo se constitui no relato de uma experiência acadêmica planejada e desenvolvida dentro da disciplina de Projetos Integrados no Curso de Graduação de Educação Artística - Artes Plásticas da Universidade Federal do Paraná, e vinculada às atividades extensionistas da Oficina de Gravura da UFPR. O Projeto Célula, direcionado à formação continuada de professores de arte, dá início a um jogo contínuo entre a percepção, o olhar, a gravura e a arte. O grupo participa de descobertas a partir das quais é estimulado a perceber o seu entorno e, ao mesmo tempo, pensar o que poderia ver além dele. A aprendizagem do olhar e a expansão de suas possibilidades foram o foco principal deste projeto, que buscou centrar-se em questões que se inserissem na construção de um conhecimento que possibilitasse que a escola, o professor e o aluno exercitassem seu olhar em todas as direções possíveis por meio de uma linguagem comum: a da gravura.

Palavras-chave: Escola; descobertas; reflexão; gravura; professor/aluno.

ABSTRACT

This article is the report of an academic experience planned and developed inside the discipline of Projects Joined the Degree course of Artistic Education - Plastic Arts of the Federal University of Paraná, and linked to the activities extensionistas of the Workshop of Engraving of the UFPR. The Project Cell, directed to the continued formation of teachers of art, gives beginning to a continuous play between the perception, the glance, the engraving and the art. The group participates of discoveries from which it is stimulated realizing his I tip over and, at the same time, to think what he might see besides him. The apprenticeship of the glance and the expansion of his means were the principal focus of this project, for which it looked to be centered in questions that were inserting in the construction of a knowledge that it was making possible that the school, the teacher and the pupil were exercising his glance in all the possible directions through a common language: that of the engraving.

Keywords: School; discovered; reflection; engraving; teacher / pupil.

RESUMEN

Este artículo es el informe de una experiencia académica planeada y desarrollada dentro de la disciplina de Proyectos Se afilió al curso de Grado de la Educación Artística - las Artes Plásticas de la Universidad Federal del Paraná, y unió para las actividades extensionistas del Taller de Grabado del UFPR. La Célula de Proyecto, direcionado a la formación continuada de profesores del arte, da el principio a un juego continuo entre la percepción, el vistazo, el grabado y el arte. El grupo participa de descubrimientos de los cuales es estimulado realizando su me caigo y, al mismo tiempo, pensar lo que él podría ver además de él. El aprendizaje del vistazo y la extensión de sus medios era el foco principal de este proyecto, para el cual miró para ser centrado en preguntas que insertaban en la construcción de un conocimiento que hacía posible que la escuela, el profesor y el alumno ejercieran su vistazo en todas las direcciones posibles por una lengua común: esto del grabado.

Palabras claves: Escuela; descubierto; reflexión; grabado; profesor / alumno.

* Acadêmica de Educação Artística - Artes Plásticas UFPR. Departamento de Artes, Setor de Ciências Humanas Letras e Artes. E-mail: irianazz@yahoo.com.br

A experiência aqui relatada buscou, em sua concepção inicial que o título explicita, referências no campo da biologia, a partir da observação do que se passa dentro de pequenas unidades vitais. As Células, em sua simplicidade, integram organismos complexos, e graças à sua capacidade espantosa de reprodução, povoaram de diversidade nosso planeta. Assim idealizamos nosso Projeto Célula: unidade de arte e potencial de multiplicação e diversidade.

A proposta em questão foi idealizada, planejada e desenvolvida em parceria com Marcella Piovesan¹, dentro da disciplina de Projetos Integrados do Curso de Educação Artística da Universidade Federal do Paraná, sendo requisito parcial obrigatório para obtenção do diploma de graduação nas habilitações de Artes Plásticas.

A disciplina de Projetos Integrados, podendo estar vinculada tanto a atividades de extensão como a trabalhos de graduação, visa ampliar o leque de situações e espaços educacionais para o cumprimento das horas de estágio supervisionado² do aluno do curso de Educação Artística. Permite, desta forma, a aplicação de um projeto pedagógico que coloque o aluno de graduação em situação de ensino-aprendizagem, preferencialmente em âmbito de Educação não formal, no qual ele poderá exercer o papel docente em arte em diferentes situações tais como: ateliês públicos e privados, hospitais, grupos em situação de risco, manicômios, presídios, comunidades carentes, entidades de classe, empresas públicas e privadas, entre outras.

Tendo por objetivo a inserção da gravura como processo artístico dentro da escola,

o Projeto Célula vinculou-se, por afinidade de meios e técnicas, à Oficina de Gravura da UFPR³, espaço destinado à produção e reflexão da gravura enquanto expressão artística, para além dos limites dos conteúdos programáticos exigidos pelas disciplinas. Ana Mae Barbosa, Elliot Eisner e Brent Wilson foram a base do pensamento teórico e as tendências como o DBAE⁴ e a Metodologia Triangular⁵, foram nosso referencial no trabalho pedagógico. A gravura seria o centro das reflexões, como meio de produção artística inserido na contextualização histórica e sob uma apreciação crítico-estética.

Durante a fase de pesquisa diagnóstica deste projeto, foi possível observar que as escolas, pelo pouco entendimento de suas inúmeras possibilidades, não desenvolvem todo o potencial da linguagem da gravura. Isso ocorre, em parte, devido à idéia de que esta linguagem envolve custos elevados quando não se limita somente a materiais como as matrizes em isopor e o guache. Este desafio foi um dos nossos focos de interesse: trabalhar no sentido de desmistificar tais idéias pré-concebidas. Pensamos também que essa linguagem tem como peculiaridade, a característica da geração de múltiplas imagens a partir de uma matriz geradora. Partimos, então, da idéia de que, na escola, a primeira imagem impressa não pode ser aceita como única possível e sim, como uma possibilidade de construção.

A principal ação do projeto foi a elaboração de uma oficina de capacitação para os professores, a partir da qual a prática da gravura pudesse se disseminar nas escolas, por meio da criação de pequenas Células - os

¹ Acadêmica do Curso de Educação Artística - Habilitação Artes Plásticas da UFPR, e do Curso de Design de Móveis da UTFPR

² A supervisão deste Projeto Integrado é da Prof.Dra.Dulce Osinski.

³ Coordenação da Prof.Dra. Dulce Osinski.

⁴ Discipline Based Art Education, ou seja, Arte-educação como Disciplina.

⁵ Proposta de Ana Mae Barbosa que pensa o ensino da arte a partir do tripé: fazer artístico, contextualização histórica e leitura da obra de arte.

ateliers de gravura. Uma de nossas primeiras constatações foi a necessidade de uma divulgação efetiva, pois o público-alvo não seria alcançado com cartazes distribuídos pelos espaços da UFPR. Rompendo com o silêncio interinstitucional que muitas vezes estorva o diálogo entre o meio universitário e outras instâncias governamentais, o Projeto CÉLULA abriu um canal de comunicação da UFPR com o Núcleo Regional da Educação de Curitiba⁶, setor da Equipe Disciplinar⁷. Por intermédio da Coordenadora de Arte, Alair Costa Nascimento Wendpap, estabelecemos um contato direto com os professores de Educação Artística da Rede Estadual do Paraná.

O envolvimento desta equipe foi de extrema importância, uma vez que este Núcleo desenvolve ações de apoio que têm por finalidade estimular diretores, técnicos pedagógicos, docentes e educandos para a construção de um novo saber acadêmico. A tarefa maior do Núcleo é construir pontes para que se efetive a relação entre os professores de arte e toda uma rede de canais formativos como: atividades em museus, cursos, palestras e encontros de estudo que acontecem dentro do sistema educacional do Estado do Paraná. Foi uma parceria que possibilitou a divulgação do projeto para 600 professores de arte. Os docentes que comprovassem seu vínculo com o Estado receberiam uma bolsa de 100% para inscrição no Projeto.

Todo este processo teve início logo após a elaboração da idéia base do projeto e da seleção do público-alvo. Em dezembro de 2007, antes do encerramento do ano letivo, os professores já haviam recebido, por correspondência eletrônica, uma nota de divulgação comunicando sobre o que seria o Projeto CÉLULA e que estaríamos recebendo inscrições para o início da oficina em abril de 2008. As pri-

meiras inscrições foram feitas ainda em dezembro.

Com o começo das inscrições era possível perceber o nível de motivação dos professores. Nas fichas, dados como: data de nascimento, telefones, endereço, formação, escola em que atua, tempo de atuação em artes e e-mail, serviram para que montássemos o perfil básico do professor de arte que encontraríamos em abril, e pudéssemos prever, mesmo que hipoteticamente, algumas necessidades que deveriam ser contempladas no planejamento da oficina.

A inscrição por e-mail possibilitou contatos importantes com o nosso público. Muitas correspondências foram trocadas antes mesmo de começarem as atividades, com a intenção de gerar expectativa e manter os professores focados na data de abril, para a qual faltavam ainda quatro meses. Os futuros participantes foram comunicados sobre exposições, palestras e cursos que aconteciam em Curitiba, como um meio de fazê-los adentrar na atmosfera que desejávamos quando do início efetivo das atividades. Este canal se mostrou realmente muito eficaz, e estávamos atentas para responder todos os e-mails. O projeto começava a fazer parte da vida de quem já havia feito esta escolha.

Era preciso criar uma imagem que representasse o Projeto Célula: Gravura na Escola. O nome já induzia a escolha de uma Célula, mas não queríamos pensar no padrão. Buscávamos algo que apenas representasse o conceito. Entretanto, quando a Célula-tronco apresentou-se como imagem, não houve melhor escolha possível. A formação de um círculo, a multiplicação se concretizando. Conhecidas como Células-mãe ou Células estaminais, são vitais para a constituição de organismos complexos e tem grande capacidade de se dividir e se multiplicar.

⁶ Extensão da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, tendo como Chefe Regional Professora Sheila Marize Toledo Pereira.

⁷ Coordenado pela pedagoga Maria Cristina Theobaldo.

Ao observar nossa imagem-símbolo, alguns vêem um ninho com ovos, e era justamente um ninho o projeto naquele momento: uma estrutura construída para a proteção às idéias e novos projetos.

Chegou abril e, como se fosse a nossa primavera, começaram as atividades da oficina. Estávamos atentas nessa tarefa, que para nós era novidade, não só por estarmos lidando com uma situação inusitada - estudantes atuando na capacitação de professores de arte - mas também pelo conteúdo com o qual nos dispusemos a trabalhar. Queríamos um diálogo possível, e escolhemos nos comunicar pela linguagem da gravura, baseadas no seu grande potencial democratizador.

A ação de gravar existe desde tempos imemoráveis e, ao longo de sua história, a linguagem da gravura incorporou mudanças de forma muito mais rápida e radical que as outras artes, talvez por nunca ter se limitado à esfera artística. A superação dos limites técnicos ou estéticos e sua relação com fins utilitários fez a gravura transitar com desenvoltura entre a vida real e o mundo artístico. Para percebê-la e apreciá-la no contexto contemporâneo é preciso exercitar não só a sensibilidade, mas também o olhar.

É nessa educação do olhar, a partir dela, que se institui toda a filosofia e as ciências do Ocidente, e até mesmo o saber voltado para o prático, como atesta a escola médica de Cós, que calou a boca do feiticeiro e ensinou a estabelecer um diagnóstico a partir de um olhar mais atento (BORNHEIM, 1988, p.89). Ir em busca de um ver que sabe ver, que inventa meios para ver cada vez melhor, este era o nosso foco inicial.

Eram quarenta e três pessoas inscritas. Foram montadas duas turmas: uma mista, com alunos da Universidade Federal, interessados em arte e professores, e uma somente com professores de arte da Rede Estadual de Ensino do Paraná. A primeira turma funcionava às

quartas-feiras no período da noite, enquanto que a segunda teve suas atividades desenvolvidas aos sábados pela manhã. Focaremos, nesse relato, essa última turma de professores, que permitiu uma observação mais específica dentro dos objetivos do projeto.

Em nosso encontro inicial, formamos um círculo - ou ninho - para que todos os olhares pudessem curiosamente se percorrer mutuamente. Na apresentação, todos se declararam professores de arte, sendo dois formados em música. Pessoas diferentes com perfis semelhantes, cabeças cheias de razões, lutando contra a rotina e a monotonia: um grande nó a ser desatado. Esperavam a fala inicial sobre "gravura alternativa", termo do uso comum para a exploração da gravura com materiais simples ou reaproveitáveis, tais como isopor, caixas de leite, etc., dentro do contexto escolar. Porém, os olhos curiosos foram convidados primeiramente a olhar.

Seguindo as orientações de Fayga Ostrower, falamos sobre o papel que é desempenhado pela percepção, dentro do processo de olhar-avaliar-compreender, e sobre o quanto a percepção está ligada aos processos de criação, pois é no ato de perceber que tentamos interpretar e, neste interpretar, já começamos a criar. Não existe um momento de compreensão que não seja ao mesmo tempo criação (OSTROWER, 1988, p.167). O caminho por nós escolhido era o de tocar a sensibilidade de cada um.

O Projeto Célula deu início, então, a um jogo contínuo entre a percepção, a gravura e a arte. O grupo participou de descobertas perceptivas, sendo estimulado a olhar o seu entorno e ao mesmo tempo pensar como poderia ir além dele. É só quando passamos do limiar do olhar para o universo do ver que realizamos um ato de leitura e de reflexão (ZAMBONI, 1998, p.54). Este tipo de reflexão interessava ao projeto juntamente com questões a respeito da construção de um conhecimento

que possibilitassem que a escola, o professor e o aluno falassem a mesma linguagem: a da arte da gravura.

Como há sempre uma tendência a buscarmos respostas certas e precisas a nossas dúvidas e questionamentos, com as ações pedagógicas isto não ocorre de modo diferente. Um caminho mais curto é um facilitador que não se pode dispensar nesta jornada de intrincadas escolhas. No entanto, mesmo os professores que relataram - confessamente - que esperavam fórmulas e leituras prontas para aplicar com os alunos, foram abalados pela curiosidade, pela poesia e pela pesquisa.

Nada estava pronto, tudo seria construído de modo coletivo a partir de novos olhares, comprometidos pelos seus próprios referenciais. Quando um grupo faz um círculo e analisa conjuntamente uma imagem, fica claro que não há uma única visão, uma só leitura possível. Este é o nosso desejo: lançar múltiplos olhares sobre uma mesma imagem e criar uma rede de relações. É um processo complexo que exige tempo, treino, vontade, estudo, sensibilidade e determinação para criar e testar muitas hipóteses. A profundidade da experiência humana depende do fato de sermos capazes de variar nossos modos de ver fazendo do olhar artístico um olhar construtivo (CASSIER, 1960, p.287). A curiosidade, neste caso, deve ser sempre vista como uma possibilidade de descoberta.

Para este grupo curioso de professores, parecia já ser hora da tal "gravura alternativa", mas, se íamos falar da luz, como meio de modelar volumes, de sombras, que dão a sensação misteriosa de mover-se no espaço e de obscuridades tão profundas que podem produzir um estado de não ser, era preciso olhar mais um pouco. E se o olhar usurpa os demais sentidos fazendo-se cânone de todas as percepções, para ver era preciso tomar uma certa distância, como se fossemos tomar impulso para um grande salto.

Abrimos então uma "caixa", contendo ferro granulado e grafite em pó. A única exigência era uma mão próxima, tão próxima foi possível sentir o peso e o frio de forma tátil. Enquanto a mão manipulava, o olho captava no espelho o resultado da ação. Mais uma vez foram chamados a participar sensorialmente, sendo convidados a mergulhar as mãos, a olhar apalpando, repousando a mão, sentido o material, apropriando-se, não dele, mas de seu resíduo.

Quando pressionaram a mão sobre o papel, uma imagem se formou, e a partir daí construíram sua primeira gravura, como nas cavernas de Lascaux e Altamira, onde o homem pré-histórico realizou alguns de seus primeiros experimentos a cerca do fazer artístico, há milhares de anos. A partir desta "caixa" muitas imagens puderam ser geradas, sem a preocupação da multiplicação idêntica, pois todas serão únicas, literalmente como uma impressão digital.

E sobre a mesa de entintagem do ateliê, fez-se uma magia que se repete a cada oficina. As tintas de impressão, viscosas e brilhantes, ao serem abertas invadem a sala de intensa expressividade e uma energia intensa. Alguns experimentos já comprovaram esta resposta corpórea à cor interferindo na musculatura e na circulação sanguínea: sabe-se que a relação do

ATIVIDADE COM A "CAIXA".

olho é íntima e estrutural. O anatomista norte-americano Stephen Poliak admite a hipótese revolucionária de que o tecido cerebral resultou de uma evolução dos olhos em pequenos organismos aquáticos que viveram há mais de um bilhão de anos atrás. Quer dizer: foi o olho que se complicou dando origem ao córtex onde, supõe-se, está a sede da visualidade (CONRAD, 1972, p.174). Com a introdução das primeiras experiências envolvendo processos de impressão, era possível perceber a gravura, como processo, atuando em cada "Célula".

Sempre que sentavam para analisar as imagens do acervo⁸ da disciplina de Gravura⁹ da UFPR havia intensos momentos de troca, os professores se permitindo passar pela experiência como se estivessem vendo pela primeira vez com os olhos de uma criança, como disse Matisse, ou - para melhor adequarmos ao nosso projeto - como pássaros recém saídos da casca.

Os olhos estavam sempre surpresos diante dos resultados possíveis, mesmo quando

a técnica era conhecida e já tinha sido aplicada em sala de aula. A cada impressão, uma reflexão. Cada possibilidade de gravura era uma possibilidade de leitura, de aprender a fazer imagem, de expressar-se e de comunicar-se por imagem. Eram atividades de preparação com intuito de conduzir para um mesmo alvo olhares que partiam de lugares diferentes. Afinal o que é a imagem se não um objeto polissêmico? No entanto, é justamente dentro desta polissemia, que existe um espaço para a formação estética individualizada. Antes do aluno passar por este processo tão intrincado, achamos necessário que o professor devesse fazê-lo.

CAFÉ DA MANHÃ E CONVERSA COM OS ARTISTAS VALDIR FRANSCICO, SANDRA NATTER E MICHELLE BEHAR.

Como toda verdadeira práxis humana, a arte se situa na esfera da ação, da transformação, tem um caráter prático, realizador e transformador (VÁZQUEZ, 2007,p.229) e a disciplina de arte, apesar de ainda ter um caráter secundário ou extracurricular, é plena de

⁸ No acervo ficam arquivados, um exemplar selecionado de cada técnica, das gravuras produzidas pelos alunos da disciplina no Laboratório de Gravura.

⁹ Ministrada pela Prof.Dra. Dulce Osinski, no Curso de Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais do Departamento de Artes - UFPR.

conteúdo específico com potencial para atuar como eixo articulador de outros saberes, dentro e fora da escola. Era esse universo que nossos professores precisavam estar dispostos a redescobrir.

Mesmo tratando-se de professores de arte, não partimos da premissa de que todos conheciam as especificidades desta linguagem. Era importante, antes de mais nada, que tomassem consciência das exigências técnicas da gravura. Esta é uma questão que Consuelo Schlichta¹⁰ aborda com muita propriedade, quando afirma que algumas práticas pedagógicas vêem o saber artístico como um receituário voltado ao domínio de técnicas restrito a crianças e ao espaço escolar. Para ela, a técnica nunca deve ser aplicada como receita mas, como meio de expressão e conhecimento, pois somente desta maneira possibilita a verdadeira compreensão da arte e de seu campo. Então, permear técnica e conhecimento e prática era o caminho ideal a ser seguido.

Romper com a hierarquia professor-aluno foi um dos desafios a serem enfrentados, e que revelou resultados surpreendentes. Se ensinar se constitui em poder, ou seja, uma atividade transformadora, quem estava dentro deste projeto deveria estar disposto a isto. Quando então, duas acadêmicas, em plena construção de uma competência que está constantemente em elaboração, diziam que tudo estava para ser construído e questionavam sobre, se em algum momento, estes professores - ou elas mesmas - estariam prontos? Este era um momento delicado e o começo de um processo verbal complicado, concentrado na sensibilidade de percepção, conhecimento artístico, transferência de habilidade, expressão visual e avaliação estética (FAIRCHILD, 2005, p. 391).

A tarefa era selecionar uma linguagem apropriada para criar valores estéticos e promover dinâmicas que levassem os professores envolvidos a elaborar propostas com diferenciais significativos, e rompendo com o senso comum de que qualquer imagem impressa é gravura, destacando as diferenças evidentes entre os vários processos possíveis permeando a tradição da técnica e das novas possibilidades. Tínhamos também, que inverter o sentido das limitações econômicas das escolas estaduais, principalmente para disciplina de artes, e viabilizar o contato com os materiais, as ferramentas e as tintas, adequando um espaço físico para implantação de um Laboratório Célula que abriria novas possibilidades de pesquisa artística dentro das escolas.

Sentido-se segura com o trabalho realizado com a "caixa", Tânia Barcala Dutra¹¹, adaptou sua experiência pessoal com originalidade e levou suas cinco turmas de 5ª séries, de 19 a 21 de maio de 2008, para uma viagem nas cavernas e pela arte rupestre

A alegria com que as crianças participaram desta atividade foi contagiante e chamou a atenção de outros alunos que estavam no pátio. Tinham a curiosidade de saber como acontecia que material era utilizado e ficaram muito empolgados com os resultados. Após o trabalho foi feita uma exposição em sala para que todos pudessem observar as impressões enquanto a professora explicava que a atividade realizada tratava-se de gravura, chamando a atenção para os conceitos básicos desta linguagem.

Era a primeira multiplicação: o Projeto Célula estava estabelecendo relações fora do

¹⁰ Mestre em Educação pela UFPR, Doutora em História pela UFPR, Professora do Curso de Bacharelado e Licenciatura em artes Visuais do Departamento de Artes - UFPR.

¹¹ Profa. Graduada em Educação Artística/ Habilitação em Artes Plásticas. Especialista em Metodologia da Ciência pelo Centro Integrado de Educação Superior de "Dr. Bezerra de Menezes". Atua no Colégio Estadual Santa Felicidade - Curitiba - Paraná.

seu ninho. Estávamos começando a derrubar as barreiras entre a gravura e a escola. E o professor de arte, que tem seu olhar apurado, sabe que para seu trabalho ter maior relevância dentro da escola, é preciso conhecer seus alunos e buscar elementos significativos para que encontrem novas formas de se expressar. É ele que tem a oportunidade - e deve aproveitá-la - de ajudar a construir seu universo imaginário e de ativar todo um processo criativo, bastando para isso estar atento.

A professora Sandra Anália dos Santos¹² estava atenta e sentiu-se pronta para penetrar neste valiosíssimo universo. Com o projeto veio a motivação que faltava para levar a gravura para a escola, porém a sala de aula foi pequena para o impulso que a gravura tomou. Ela acabou recebendo da diretoria a "Sala 22", que estava fechada, encarou o desafio com todas as suas turmas e "viciou" os alunos

Fiquei um pouco apreensiva, pois não sabia como os alunos poderiam receber esta novidade e se gostariam ou não. Primeiro foi dado aulas explicativas sobre gravura: a história, como iniciou, para que poderia ser usado no futuro e os métodos mais acessíveis. Logo vieram as aulas práticas. Foi uma gostosura! O interesse dos alunos foi imediato e a solicitação de mais aulas práticas é o tempo todo. Digo até que os alunos ficaram viciados pela gravura! Tenho alunos interessadíssimos para trazer definitivamente o projeto para o colégio. O Projeto Célula agora já tem muito mais Células! As atividades são dinâmicas e quando termina o horário os alunos não querem voltar para a sala de aula. Vejo também o interesse por parte da direção e orientação do colégio por ter uma ativi-

dade diferenciada para os alunos. Sei que é desta forma que podemos fazer uma educação diferenciada usando até a interdisciplinaridade, pois houve também interesse dos professores de outras disciplinas.

Motivada, a professora Vanessa Dybax¹³, primeira inscrita do projeto, experimentou todas as propostas e criou situações inventivas. Seu foco eram as diferentes possibilidades que pudessem estimular a ampliação do repertório dos seus alunos:

O arte-educador é motivado por tudo que é novo e gera expectativas. O Projeto Célula: Gravura na Escola, surgiu em um momento em que as idéias e práticas estavam um pouco saturadas, e propiciou um novo olhar sobre a gravura e suas possibilidades de acordo com o contexto escolar. Quando realizei minha inscrição, ainda no final de 2007, senti a euforia para iniciar logo a oficina, aprender e mesmo rever técnicas e resgatar um conhecimento pouco explorado, que fez parte da minha formação acadêmica. Hoje, poder frequentar as aulas, além da alegria de estar livre para criar, do sentimento de boas recordações e novas descobertas é a satisfação de poder participar ativamente com aulas dinâmicas onde posso convidar meus alunos para uma viagem ao mundo da arte.

Para que estes professores se sentissem seguros para propor as atividades na sala de aula, foi necessário despertar alguns conhecimentos. Apresentamos conteúdos da história da gravura abordando algumas de suas dife-

¹² Prof. Graduada em Educação Artística / Habilitação em Música na Faculdade de Artes do Paraná, Pós Graduada em Psicopedagogia na FACINTER e Mestre em Educação na Holanda. Atua na Escola Estadual Prof. Brasília Vicente de Castro - CIC - Curitiba.

¹³ Prof. de Educação Artística no Colégio Estadual Ivo Leão em Curitiba, Paraná. Graduada em Educação Artística -Artes Visuais e Pós-Graduação em Webdesinger pela Universidade Tuiuti do Paraná.

rentes técnicas gráficas e alguns dos mestres como: Albert Dürer (1471-1528), Rembrandt van Rijn (1606-1669), Francisco Goya (1746-1828) Henri de Toulouse-Lautrec (1864-1901), Wassily Kandinsky (1866-1944), Pablo Picasso (1881-1973 e Andy Warhol (1928-1987). A esses, juntamos também, a gravura japonesa e alguns artistas, autores de obras representativas de momentos da história da arte, em que a gravura foi instrumento de construção e o principal meio de poéticas artísticas específicas, como o Expressionismo e a Pop Art. Também artistas brasileiros, paranaenses e curitibanos.

Como o valor de um trabalho não depende da técnica utilizada, mas do resultado final obtido, apresentamos não somente a técnica, mas algumas das possibilidades de matrizes e resultados possíveis em sala de aula. Não consideramos "gravura alternativa", não usamos esta expressão em nenhum momento, pois se o que chamamos de gravura é a impressão no papel de uma matriz trabalhada e preenchida com tinta para reprodução da imagem, é com este conceito geral que trabalhamos desde o início do projeto.

A primeira técnica que apresentamos foi a monotípi¹⁴, que possibilitava apenas cópia única, mas podia e devia ser utilizada como base de composição para impressões posteriores. Algumas imagens eram tão expressivas que dispensavam interferência. Ao trabalharmos com as técnicas de relevo¹⁵ abordamos as possibilidades de xilogravuras com matrizes de isopor, pastas polionda, trabalhando a composição elaborada da imagem. Sempre que uma impressão era gerada estávamos prontos a refletir sobre o resultado e novas formas que per-

mitiriam uma melhor expressão, mas todos os momentos eram aproveitados para que a discussão coletiva sobre os resultados fosse instaurada.

A gravadora Juliana Kudlinski foi convidada a falar sobre seu trabalho no "Café da Manhã com Artista"¹⁶, apresentando carimbos feitos de borrachas escolares, como matrizes geradoras da construção de mandalas e do desenvolvimento de sua poética plástica e de seus caminhos investigativos. Era uma alternativa que alguns conheciam, mas não haviam aplicado em sala. Esta apresentação gerou uma reação muito rápida no grupo, que se mobilizou imediatamente e aproveitou a presença e orientação da artista para fazerem seus primeiros carimbos e mandalas.

Seguindo o planejamento, abordamos em seguida as técnicas de baixo-relevo¹⁷ que têm como característica a absorção e a impressão das linhas de tinta que foram riscadas na matriz. Nesta técnica estavam as maiores novidades: o cd, a caixa de leite, latinhas de refrigerante, retalhos de acetato e plásticos...

Era o momento certo para novas edições do "Café da Manhã com Artista", pois seria necessária uma troca de olhares entre o grupo e artistas atuantes para que fizessem a apresentação de seus trabalhos e poéticas.

O primeiro encontro foi com as artistas gravadoras Hebe Libera e Eliana Herrera. Hebe trabalha com plástico polionda, pois era o material que tinha disponível em grande quantidade, e desenvolveu sua poética sobre as possibilidades que descobria com a sua manipulação como matriz. Eliana trabalha com cds, caixas de leite, sucos, acetatos de golas de camisa,

¹⁴ Composição de uma imagem diretamente sobre uma superfície e a impressão no papel.

¹⁵ O termo refere-se às partes elevadas da matriz de impressão. São estas partes que irão absorver a tinta e transferi-la para o papel.

¹⁶ Uma das atividades criadas pelo Projeto Célula em que um artista local e atuante é convidado para um café da manhã com o grupo.

¹⁷ O termo refere-se às partes afundadas, encravadas, riscadas ou esculpidas da matriz que são preenchidas com tinta.

retalhos plásticos. É uma aproveitadora de materiais e uma visionária. Constrói matrizes mínimas com grande potencia visual. As artistas estavam disponíveis e os professores mergulharam nessa troca que o contato direto com o produtor de arte possibilita.

Aconteceu também o café da manhã com os artistas Valdir Francisco, Sandra Natter e Michelle Behar, todos atuantes e participantes do Projeto de Oficina de Gravura da UFPR e cujas poéticas possuem características comuns: um olhar diferenciado para o mundo e a paixão pela arte da gravura. Valdir constrói matrizes com figuras colecionáveis, destas que vêm em pacotes de salgadinhos, explorando encaixes, repetições e sendo incansável na busca de novas alternativas. Sandra se interessa pela simplicidade dos materiais, agregando valor e buscando inspiração nas cenas do dia-a-dia e nas suas memórias. Michele é mestre na composição, na escolha das cores, na transformação da matriz e das formas, tendo trazido um elemento a mais que já despertara o interesse do grupo: a gravura digital.

Depois de todos estes encontros e trocas, uma descoberta: a tão esperada "gravura alternativa" não existia! Todas as alternativas que os artistas apresentaram eram ótimas gravuras resultantes de pesquisas em áreas de interesse. E não eram ótimos por que eram "bonitinhos", mas porque pensavam a construção da imagem a partir do que está no nosso entorno. Quando os professores começaram a perceber o mundo como uma imensa matriz a ser gravada e impressa, era o momento que aguardávamos para dar início à gravura na escola.

Colocamos uma pequena prensa a disposição dos professores. Também estivemos presentes em algumas escolas, em oficinas de gravura trabalhando junto com o professor, auxiliando na apresentação e aplicação da técnica.

Estão, também, sendo formados Monitores Célula¹⁸ dentro do próprio Laboratório de Gravura da UFPR para que auxiliem o professor na escola. Estas ações geraram, e ainda estão fomentando, resultados positivos na relação professor - escola - aluno, pois estes estabeleceram a linguagem da gravura como forma de comunicação - como já fizeram muitos artistas gravadores!

Novos projetos já foram iniciados nas escolas, tendo os professores se apropriado, para o fazer da gravura, de salas que antes estavam destinadas para outros fins. Outras disciplinas começam a ver na arte o seu potencial como eixo articulador de saberes. Alguns dos professores relataram que, nas visitas aos museus, já se permitem fazer uma mediação mais consistente, estebelecendo com maior facilidade uma ponte interligando a educação perceptiva de seus alunos e a expressão criativa das obras. Somente o professor, tendo vivenciado adequadamente a experiência estética, pode permitir e ampliar, com maior facilidade, a qualidade desta experiência para o aluno. E se, além destes, outros benefícios resultarem das atividades de arte e da gravura, tanto melhor.

E sobre o ninho? Ele não estará vazio. O Projeto Célula acredita que sob os olhos atentos dos professores, respeitando o tempo de cada um, outros estarão sendo construídos, em cada escola: um espaço maior para gravura.

¹⁸ Estes monitores são alunos selecionados nas turmas pelo professor envolvido no projeto, e fazem uma tarde de oficina no Laboratório de Gravura da UFPR.

REFERÊNCIAS

- BORNHEIM, Gerd A. As metamorfoses do olhar. In: NOVAES, Adauto. *O olhar*. São Paulo : Companhia das Letras, 1988, p.89-93.
- _____. Caixa de Cultura. *Gravura: História e técnica*. São Paulo : Itaú Cultural, 2002.
- CASSIER, Ernst. *Ensaio sobre o homem*. Lisboa: Guimarães Editores, s/d.
- CONRAD, Mueller. *Luz e visão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
- FAIRCHILD, Maurice e Marguerite. A aprendizagem visual: uma análise sócio-lingüística sobre a crítica de arte no ensino de artistas. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.) *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005, p.388-403.
- MACHADO, Regina. Rasas razões. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Inquietações e Mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2002, p.175-180.
- OSTROWER, Fayga. A construção do olhar. In: NOVAES, Adauto. *O olhar*. São Paulo : Companhia das Letras, 1988, p. 167-182.
- PORCHER, Louis. *Educação Artística: luxo ou necessidade?*. São Paulo: Summus, 1982.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Filosofia da práxis*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- ZAMBONI, Sílvio. *A pesquisa em Arte: paralelo entre arte e ciência*. Campinas: Autores Associados, 1998.

Texto recebido em 30 jun. 2008.

Texto aprovado em 10 set. 2008.